



Notas de um diário | Uma pequena
coleção de epígrafes | Dois trabalhos
de arte produzidos em Estados
totalitários

Notes from a dairy | A small
Collection of Epigraphs | Two
artworks produced in totalitarian
States

Lara Ovídio¹

1 É artista, professora no Instituto Federal do Rio de Janeiro, bacharela em audiovisual pela Universidade de Brasília e mestra em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ.

Resumo: Para resistir à vigilância, à opressão e silenciamento impostos pelos Estados totalitários, Ai Weiwei e Tania Bruguera experimentam diversas estratégias de trabalho. Provocados, os Estados entram no jogo, não para jogar, mas para impedir de alguma forma os jogadores e seus artifícios. Em meio a essa tensão, os espectadores são convocados a ocupar novos papéis porque a separação entre realidade e ficção já não faz sentido. Arte e vida são uma coisa só. Vou tomando notas de tudo que possa parecer útil, enquanto o Brasil flerta com um estranho fascismo liberal: estratégias de denúncia, estratégias de sobrevivência, mas, sobretudo, estratégias para não perder a esperança. Percebo que o jogo nunca acaba e também vou falar disso.

Palavras-chave: Arte e vida, Ai Weiwei, Tania Bruguera, Arte e política.

Abstract: To resist surveillance, oppression and silencing of totalitarian States, Ai Weiwei and Tania Bruguera experience different working strategies. Triggered, states participate in the game: not to play, but to restrain players. Spectators need to occupy new spaces because the boundary between fiction and reality no longer applies. Art and life are one element. Thus, I keep mapping everything that seems to be useful while Brazil flirts with fascist ideas: combat strategies, denunciation strategies, and, above all, strategies not to lose hope. This game never ends and that is what we are going to explore in the present study.

Key words: Art and life, Ai Weiwei, Tania Bruguera, Art and politics.

QUANDO A ARTE É IDÊNTICA À VIDA

Em 2008, um terremoto derrubou escolas feitas de materiais de construção duvidosos na China, essas construções ficaram conhecidas como “prédios tofu”. O governo se esquivou da responsabilidade de quantificar a tragédia. Nesse momento, Ai Weiwei e um grupo de 100 voluntários ocuparam o lugar do Estado e bateram de porta em porta até chegarem ao número de mais ou menos 5000 crianças mortas. Em 2011 o artista foi preso e ficou desaparecido por 81 dias, sob a suposta acusação de sonegação de impostos. O artista foi tido por todo esse tempo como desaparecido. Quando foi libertado, o artista descobriu microfones escondidos em seu estúdio e 15 câmeras de vigilância ao redor de sua casa. O que o caracterizaria, supostamente, como a pessoa mais vigiada de Pequim. Um ano depois de sair da prisão, em abril de 2012, o artista instalou 4 câmeras dentro de sua própria casa transmitindo imagens 24h por dia para o site *weiweicam.com*. O projeto durou 46h e teve aproximadamente 5,2 milhões de espectadores. Foi interrompido pelo Estado.

EPÍGRAFE 1

Para quem se dedica à produção de documentação de arte e não às obras de arte, a arte é idêntica à vida, por que esta é, em essência, uma atividade pura que não tem resultado final. A apresentação de qualquer que seja o resultado final – na forma de obra de arte – implicaria num entendimento da vida como mero processo funcional cuja duração é negada e extinta pela criação do produto final – o que equivale à morte².

20.10.2018 | RIO DE JANEIRO, PERÍODO PRÉ-ELEITORAL

A violência nas ruas contra qualquer opinião dissidente aumentou ainda no primeiro turno das eleições presidenciais. O fascismo já se levantou. Não fomos capazes de impedir que os mortos retornassem, falhamos ao vigiar as tumbas³.

30.10.2018 | RIO DE JANEIRO, PERÍODO PÓS ELEITORAL

Os manuais de sobrevivência estão por todos os lados e não param de se multiplicar. Tentam explicar como as minorias devem se comportar para não serem alvos fáceis de grupos de extermínio. Uma das medidas de segurança já faz parte do meu cotidiano: compartilhar caminhos. Sempre compartilho a volta de Belford Roxo à noite na van. Um dia meu

2 GROYS, Boris. Arte, poder. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015, p. 75

3 Menção a José Fernando Azevedo: “Um passado que insiste em não passar. Vemos nas ruas mortos-vivos clamando por retornos que são também horrores. E quanto a nós, permita-me supor, ainda que provisoriamente, um vínculo entre o que escreve e o que lê: nosso trabalho consiste em impedir que esses mortos retornem. Como coveiros vigiando tumbas”. AZEVEDO, José Fernando. Eu, um crioulo. In: Caixa de Pandemia. São Paulo: n-1 Edições 2017/2018. p. 3-30, p. 24.

caminho é assistido, no outro, assisto os caminhos⁴. Cada vez que partilho meu caminho em tempo real sou obrigada a lembrar que a qualquer minuto pode acontecer qualquer coisa que não me permita chegar em casa. Troco um pouco de autoexposição por alguma sensação de segurança.

AUTOEXPOSIÇÃO | N.1

Ai Weiwei, o-homem-mais-vigiado-de-Pequim, ao invés de fugir da vigilância escolhe intensificá-la de maneira consciente colocando câmeras de segurança dentro de casa. O gesto subversivo talvez seja pactuar com o espectador contra a vontade do Estado. O gesto subversivo talvez seja responsabilizar o espectador pela vida do artista.

EPIGRAFE 2

Valorizamos a própria vida em função da sua capacidade de se tornar, de fato, um verdadeiro filme⁵.

07.12.2018

Acabo de ser identificada como potencial terrorista na entrada do consulado francês. Saindo de casa para escrever na Maison de France, trouxe além de livros e computador, marmita, garfo e faca. A faca não possuía ponta nem serra, no entanto, não pode evitar pertencer à categoria faca.

AUTOEXPOSIÇÃO | N. 2

As câmeras estão por todos os lados e em todos os aparatos. Se antes tomavam conta das ruas e dos espaços públicos, agora também invadem as salas das escolas e dos lares. Finalmente, a classe média pode atender o desejo, no mínimo estranho, de acompanhar cada movimento dos filhos, das coisas e dos empregados. As câmeras de vigilância não desejam gravar a desordem, mas prevenir, ou impedir através de sua própria imagem que a desordem aconteça. Nesse sentido, me parece encantador o totem de mármore⁶ de Ai Weiwei que imita uma dessas câmeras, assim como o papelão que Marcelo Cidade⁷ arranja também nesse formato.

4 Refiro-me aqui ao recurso disponível em alguns aplicativos de conversa que permite compartilhar a localização do usuário em tempo real. Através desse recurso outras pessoas em qualquer lugar do mundo podem acompanhar no mapa o deslocamento de quem compartilha a localização.

5 Sibília, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Fronteira, 2008, p.49.

6 Ai Weiwei. *Câmera de Segurança*. 2010.

7 Marcelo Cidade. *Direito a imagem*. 2004. Objeto de papelão.

As câmeras são indicadas em diversas situações por uma placa de um *Smiley* com os dizeres: sorria você está sendo filmado. Esses dizeres que parecem uma ameaça doce, se baseiam em vários comportamentos contemporâneos de autoexposição. “Milhões de usuários de todo o planeta – gente ‘comum’, precisamente como *eu* ou *você* – têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de surgir e se expandir, e as utilizam para expor publicamente a sua intimidade” (SIBILIA, 2008, p.27). Nenhuma novidade: as “selfies já matam mais humanos que ataques de tubarão⁸” e essa não é uma notícia engraçada. Vivemos, então, em uma mistura estranha e complexa entre o gosto por expor publicamente a própria intimidade – o que se come, por onde se anda, o que se faz – e a sensação de segurança que as câmeras de vigilância parecem ser capazes de proporcionar. Essas câmeras não são as mesmas: a câmera do celular que permite uma partilha quase instantânea de cada momento da vida é bem diferente de uma câmera de segurança. Talvez os *reality shows*, dêem um fim a essa separação, propondo uma câmera de segurança capaz de atender ao desejo de mostrar-se a si mesmo que costuma estar diante das câmeras de celular. O *weiweicam.com* lembra muito um *reality show*.

12.12.2018

Escrevo em uma sala com seis câmeras de segurança. Apenas duas ou três delas devem produzir imagens de mim. Pode parecer que não tenho escolha sobre isso, mas não deixo de ter: aceito esse acordo de maneira tácita cada vez que ingresso nesse salão de estudos. Os acordos⁹ são de todo tipo, nada parece fácil.

8 Selfies já matam mais humanos que ataques de tubarão. ÉPOCA. <https://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2015/09/selfies-ja-matam-mais-humanos-do-que-ataques-de-tubaroes.html> acessado em: 11.12.2018.

9 Menção à fala de André Lepecki no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica dia 30.11.2018. Convidado do curso Performance, Arte e Política ministrado pela profa. Eleonora Fabião. Nessa ocasião o autor explica que para estar de pé é preciso aceitar uma série de acordos que não necessariamente coincidem com as crenças do indivíduo.

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO



Figura 1. Ai Weiwei. Câmera de Segurança. 2010

13.11.2018 | 5H

Algumas horas antes da apresentação do resumo deste artigo na aula de Eleonora¹⁰

Demorei bastante tempo para descobrir se o *weiweicam.com* poderia ser considerado obra de arte. Ou se, na verdade, seria um evento da vida “privada” do artista. Fiquei bastante satisfeita de encontrar as galerias em que o trabalho fora exibido¹¹. Isso que não deveria significar nada, foi bastante apaziguador.

O PAPEL DO ESPECTADOR NÃO É QUALQUER PAPEL

Marina Abramovic em “*Lips of Thomas*” desenvolve a seguinte sequência de ações: toma um litro de mel a colheradas, bebe uma garrafa de vinho a pequenos goles, rompe a taça que usara para tomar o vinho com a mão esquerda cortando-se, rasga uma estrela no próprio ventre vendo brotar sangue, chicoteia-se até que o sangue escorra e, por fim, se deita em uma cruz feita de blocos de gelo. Os espectadores, de acordo com Fischer-Lichte¹², não suportam tanto sofrimento, interferem no trabalho e tiram a artista da cruz.

10 Menção à disciplina Performance: Arte, Política e Vida, que motivou a escrita deste artigo. Ministrada pela professora e performer Eleonora Fabião, no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica.

11 A obra participou da exposição “What we Watch?” na COFAspace Gallery, UNSW College of Fine Arts, EUA e da exposição Freedom no Kunstpalais Erlangen, Alemanha.

12 FISCHER-LICHTE, Erika. “Fundamentos para uma estética de lo performativo” In: Estética de lo performativo (Madrid: Abada Editores, 2013), p.23-46.

Erika Fischer-Lichte (2013) no texto “*Estética de lo performativo*” tentando compreender o espectador da performance chama atenção para a diferença entre os espectadores do teatro – aos que mesmo nas cenas mais violentas não lhes ocorre intrometer-se na cena – e às pessoas comuns que na vida cotidiana intervêm em situações de risco e de violência tentando proteger ou mesmo salvar o desconhecido daquela situação. O espectador da performance estaria mais próximo do cotidiano compreendendo o tempo todo que o que vê é parte da realidade, que o sangue que escorre da artista é real e escapa por um corte que de fato cortara. Quando os espectadores decidem interromper o sofrimento da artista e cuidar de sua integridade física interrompendo a performance, se transformam, de acordo com Fischer-Lichte (2013, p.29), em atores.

Mas essa separação entre realidade e ficção está se tornando cada vez mais complexa. “[...] A realidade começa a impor suas próprias exigências: para ser percebida como plenamente real, deverá ser intensificada e ficcionalizada com recursos midiáticos”. (SIBILIA, 2008, p.198). Paula Sibilia escreve sobre isso 8 anos antes de entramos na era da pós verdade, que tornaria essas separações ainda mais complicadas. Mas voltando ao espectador da performance: e agora?

11.12.2018 | 14H51

Explorar a produção de imagens a partir das situações de risco faz parte da estratégia de trabalho de Ai Weiwei desde aquela selfie tirada no elevador no momento em que foi preso pela primeira vez pela polícia chinesa. A repressão do Estado Chinês, que em princípio não era seu tema de trabalho, tornou-se, à medida em que passou a ser parte de sua própria vida. “A arte torna-se uma forma de vida, enquanto a obra de arte torna-se não arte, mera documentação dessa forma de vida” (GROYS, 2015, p.75). As imagens permitem ao artista habitar simultaneamente esse lugar entre a denúncia e a autoproteção.

Por outro lado, é importante lembrar que tais estratégias de geração de conteúdo se adequam com perfeição à *Web 2.0*, quando os usuários deixam de ser consumidores para se tornarem co-desenvolvedores. “Essa peculiar combinação do velho slogan **faça você mesmo** com o novo mandato **mostre-se como for**, porém, vem transbordando as fronteiras da internet” (SIBILIA, 2008, p.14, grifo meu). Enquanto produto, Ai Weiwei é uma mistura incrível de vida comum, celebridade e risco iminente. E para espectadores ocidentais, é a imagem mesma da defesa dos ideais de liberdade e liberdade de expressão.

O que será que esperavam aqueles que assistiam as câmeras que transmitiam o cotidiano do homem-mais-vigiado-de-Pequim?

Preciso levantar a hipótese que talvez os 5,2 milhões de espectadores ao redor do mundo¹³, não fossem movidos apenas pelo desejo de proteção ao outro, mas pela sensação tensa e eletrizante de que a qualquer momento, alguma coisa (terrível) pudesse acontecer.

Por fim, compartilho uma dúvida que não fui capaz de mapear (ainda): como será que flutuou o preço de mercado da obra de Ai Weiwei à medida que o governo Chinês aumentou a violência contra o artista?

EPÍGRAFE 3

A reação negativa de um artista diante do poder repressivo e controlador do Estado é algo que praticamente nem precisa ser dito. (GROYS, 2015, 156)

SUSSURRO[S] DE TATLIN

Na performance *O sussurro de Tatlin #6* (Versão de La Havana) Tânia Bruguera preparou um cenário com “uma tribuna, dois microfones e uma cortina dourada”. De acordo com Gerardo Mosquera¹⁴, esse cenário fazia lembrar o que Fidel utilizara em seus discursos. Havia também dois atores vestidos do uniforme do exército cubano, um de cada lado da tribuna, uma mulher, que segurava uma pomba branca, e um homem. O público foi convidado a falar com franqueza por um minuto e aceitou o convite. O som do microfone era transmitido por caixas de som para a rua e para o salão de entrada da Bienal.

Mosquera (2009) deixou claro que esse é um trabalho simples que quase não teria força/sentido se realizado em outro lugar. Mas em Cuba foi a primeira vez em 50 anos que as pessoas puderam falar abertamente o que pensavam. Um ato político radical que criou um espaço de liberdade em um estado totalitário.

O trabalho se completou no dia seguinte quando o Comitê Organizador da Décima Bienal de Havana publicou uma nota oficial condenando a performance. Essa nota caracterizou o trabalho como uma afronta ao sistema, como um “Cavalo de Tróia”, um discurso que conseguiu se infiltrar e se amplificar enquanto os que vigiavam estavam distraídos.

Sete anos depois, em 30 de dezembro de 2015, Tania Bruguera seria presa depois de anunciar que realizaria o *Sussurro de Tatlin #6* na Praça da Revolução.

Não mencionei até aqui que pouco antes da realização da performance 200 câmeras descartáveis foram distribuídas ao público. De acordo com Mosquera (2009) para

13 As imagens não podiam ser vistas na China por políticas de restrição do uso de internet impostas pelo Governo Chinês.

14 MOSQUERA, Gerardo. Cuba in Tania Bruguera's work: the body is the social body. Tania Bruguera: on the political imaginary, Ed. Charta, Milán, Italia, 2009. Em espanhol: “Cuba en la obra de Tania Bruguera: El cuerpo es el cuerpo social”. Disponível em: <http://www.taniabruquera.com/cms/210-1-Cuba+en+la+obra+de+Tania+Bruguera+El+cuerpo+es+el+cuerpo+social.htm> Acessado em: 26.10.2019.

documentar o evento. Mas eu queria chamar atenção para o fato de que até o começo da performance não era possível prever se o público aceitaria o convite à fala, e tampouco era possível saber o que aconteceria caso o público aceitasse o convite como aceitou. Por isso, somo minha hipótese à de Mosquera: talvez as câmeras apostassem que, caso a performance acontecesse, ela seria dispersada pela polícia cubana. As técnicas de dispersão já haviam sido tema do *Sussurro de Tatlin #5*, que acontecera no ano anterior – 2008 – no *Tate Modern*. Neste trabalho “dois agentes da Polícia Montada Anti-Motim Metropolitana de Londres são contratados para usar as suas técnicas de controle de massas no espaço do museu”¹⁵. As técnicas de controle e dispersão de massas foram utilizadas contra o público do *Tate Modern*.

Voltando então às câmeras distribuídas em Havana, consideramos a hipótese de que se havia interesse em documentar algo, seria a dispersão violenta do público e não a realização da performance em si, uma vez que a parte mais importante da performance – as falas dos participantes – não seria registrada em fotografias. Outra vez, o espectador aguarda a tragédia iminente e protege o artista de desaparecer sem deixar rastro. Protege não só o artista, mas a si mesmo de desaparecer sem deixar rastro, já que aqui, o risco arisca também a audiência.

11.11.2018

Encontrei uma matéria do *The Guardian*¹⁶ em que Tânia Bruguera dizia que quanto mais a polícia a tortura, melhor se torna sua arte. É absolutamente possível que a qualidade do trabalho da artista tenha crescido motivada por sentimentos de raiva, indignação, injustiça, urgência, medo da própria morte e todos os outros sentimentos que a tortura pode evocar. Por outro lado, dentro desse contexto, a tortura sofrida por Bruguera opera de maneira bastante semelhante à nota do Comitê da Bienal: dá sentido, força, potência e urgência ao trabalho da artista. A tortura sofrida pela artista apaga absolutamente qualquer possibilidade de separação entre arte e vida. De forma que ainda que o trabalho de Bruguera não tenha mudado radicalmente nos últimos anos, mudou. O mesmo vale para o trabalho de Ai Weiwei, evidentemente. Ambos artistas fazem chamamentos ao Estado Totalitário e a obra só se completa se esse chamado é atendido. O que quer dizer também que cada vez que o totalitarismo do estado é posto a prova é confirmado e reafirmado.

15 LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. In: ilha v.13 n.1. Santa Catarina, UDESC, 2012, p. 52.

16 Tania Bruguera: the more the secret police torture me, the better my art gets. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2015/oct/13/frieze-tania-bruguera-artist-cuba-torture-interview> Acessado em: 13.12.2018.

LANCHONETE <> LANCHONETE - OCUPAÇÃO BAR DELAS

programa NO
MEIO
DISSO TUDO
ALGO DE BOM
ACONTECE

de julho a novembro
de 2018

terças e quintas feiras

**14h às 16h A lanchonete é das
crianças - gratuito para comu-
nidade / visitantes R\$ 25,00**
Ativação da cozinha da L<>L
onde as crianças preparam uma
refeição, preferencialmente com
alimentos naturais.

**17h às 19h Oficinas Livres - gratui-
to para comunidade / visitantes R\$
40,00**
Práticas artísticas diversas para crian-
ças e adultos.

**19h Conversas na calçada - Aberto ao
público**
Debates sobre temas da atualidade e de
interesse da comunidade com convida-
dos especiais.

**16h e 20h Mostra (Re)Programe a TV -
Aberto ao público**
Mostra de filmes, vídeo arte e desenho de
animação na televisão do Bar Delas.

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO
facebook.com/lanchonetelanchoneteocupacaobardelas
instagram: lanchonete.lanchonete

Rua Pedro Ernesto 5 Gamboa Rio de Janeiro
CEP 20220 350

+55 21 967819662
lanchonetelanchonetebardelas@gmail.com

**– criançaçada,
cuidado
com isso
de passar
spray de
espuminha
no vlt
quando
ele passa
pq vcs
podem se
machucar**

**– aaa a
gente tá
acostumado!**

**– e se vierem
dar bronca?**

**– a gente fala
que é arte**

CARTAZ LANCHONETE <> LANCHONETE OCUPAÇÃO BAR DELAS

- Criançada, cuidado com isso de passar spray de espuminha no VLT quando ele passa porque vocês podem se machucar.
- Aaaa, a gente tá acostumado.
- E se vierem dar bronca?
- A gente fala que é arte.

Me chama muito a atenção como estas crianças que moram na região portuária e frequentam a Lanchonete <> Lanchonete Ocupação Bar Delas pensaram, em alguma medida, na mesma estratégia de Tania Bruguera, em *Sussurros de Tatlin #6* (Versão La Havana), e de Ai Weiwei, em *aiweiwei.com*: a arte como possibilidade de se proteger das estruturas de repressão.

TUDO SERIA PERMITIDO SE FOSSE

Tania Bruguera afirmou em sua conferência-performance *acerca de la política* que “a arte é uma plataforma segura de onde dialogar sobre ideias políticas e até mesmo tentar novas estruturas políticas” (BRUGUERA, *apud* MOSQUERA, 2009, online, tradução minha). Depois de me inteirar do traumatismo craniano de Ai Weiwei provocado por uma abordagem ultra violenta da polícia chinesa, fico me perguntando o que será que **seguro** pode querer dizer. Ou mesmo se Tania Bruguera ainda concorda com isso que disse. Os corpos que se arriscam são corpos reais, mortais. O jogo envolve risco. Não queremos mais mártires. O que é possível fazer? Não sei. Estamos juntxs, mas alguns corpos se antecipam a outros no fronte de batalha. O corpo que se antecipa talvez corra menos risco se nos mantivermos juntxs. Mas isso é suficiente?

EPÍGRAFE 4

Sim, algo parece ter se esgotado nas formas de vida que pareciam inevitáveis.¹⁷

EPÍGRAFE 5

[...] uma coisa é designar a máquina totalitária, outra é atribuir-lhe tão rapidamente uma vitória definitiva e sem partilha. Será que o mundo está a tal ponto totalmente escravizado quanto o sonharam? [...]. (DIDI-HUBERMAN, 2009, p. 36, *apud* PELBART, 2014, p.259)

13.12.2018 – 26.10.2019 | FIM

Quase caí na tentação nessa manhã de terminar o texto com um final mais encurralado, mais beco sem saída, como me costumam sair os finais. Mas aprendi de Eleonora¹⁸ um certo gosto pelas linhas de fuga. Em 2016 eu escrevi em um caderno inteiro: nós não estamos vencendo. Ainda não estamos. Mas o fato de não estarmos vencendo não é tampouco sinônimo de que eles estejam. Esse texto surgiu no momento em que a força tarefa de inteligência¹⁹ foi assinada pelo presidente Michel Temer. A notícia de que haveria uma espécie de inteligência pronta a vigiar comportamentos desviantes e condutas outras foi

17 PELBART, Peter Pál. *Por uma arte de instaurar modos de existência que não existem*. In: Laboratório de sensibilidades, 2014, p. 260. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2017/05/02/por-uma-arte-de-instaurar-modos-de-existencia-que-nao-existem-peter-pal-pelbart/>

18 Menção à artista e professora Eleonora Fabião.

19 Força tarefa de inteligência é uma cúpula formada por civis e militares cujo objetivo é “combater” o “crime organizado” através da análise e do compartilhamento de dados. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/10/15/temer-cria-forca-tarefa-de-inteligencia-para-reforcar-combate-ao-crime-organizado.ghtml> Acessado em: 13.12.2018.

avassaladora. Talvez esse texto tenha surgido só no dia seguinte, quando uma aluna me *filmou* em sala mostrando o trabalho de Cildo Meireles “Inserções em circuitos ideológicos” sem minha permissão. Eu percebi que estava sendo filmada no preciso momento em que eu falava das garrafas de coca-cola que levavam instruções de como fazer um coquetel molotov. Nada demais ou coisa demais? Pode ser ainda que esse texto tenha surgido um pouco antes, antes mesmo do primeiro turno das eleições presidenciais quando eu soube que um professor de história de Natal fora ameaçado de morte por falar do cinema brasileiro e das leis de incentivo à cultura em sala. Falar de maneira apocalíptica ou mesmo usar o tom fúnebre sarcástico que usei até hoje, me pareceu de repente antiquado, burguês, fora de hora e de lugar. Eleonora me ensinou a importância das linhas de fuga nos textos. Todo pessimismo é um luxo que apenas alguns podem se dar. Eu não posso mais. Então a linha de fuga que se desenha até aqui, tem algo a ver com o que as crianças que jogavam espuminha no VLT entenderam, que em alguma medida responde a Didi-Huberman, num diálogo que se estabelece através de Peter Pál Pelbart (2014, p. 262): “O vidente pode ser o artista, o pensador, a singularidade qualquer, o anônimo, o pobre, o autista, o louco; em todo caso, é aquele que, a sua maneira, chama por um modo de existência por vir”. Esse é um trabalho sobre como fazer arte apesar de tudo. Sobre produzir de dentro da insegurança. Produzir enquanto se tenta sobreviver. Sobre levar o trabalho às últimas consequências. Sobre o desejo de destruição, mas também sobre a potência da instauração – ainda que por um instante fugaz – de modos de vida impossíveis. “[...] Um ato individual, por mais provocador que seja, não constitui um levante”²⁰. São muitas as coisas que podem acontecer um segundo antes do levante. Às vezes, é movido pela “repugnância da vida que somos forçados a viver”²¹ – Ai Weiwei. Outras, pela experimentação de uma forma de vida que parecia impossível – Tania Bruguera. Um artista sozinho não faz um levante, mas provoca algum movimento. Como eu dizia, Eleonora me ensinou a importância das linhas de fuga e, por isso, quero dizer que quase um ano depois de eu ter escrito esse arquivo, a América Latina se levanta contra medidas econômicas austeras. No Brasil, ainda vivemos numa frágil democracia, que sobrevive dia após dia, apesar de tudo. O que me fez pensar que talvez não estivéssemos tão próximos ao totalitarismo quanto parecíamos estar. Que talvez os coveiros²² estejam recobrando as forças e mandando os mortos um a um de volta às suas covas. Nossa luta é a daquele que não pode se permitir perder e que encontra no universo da arte, que tantas vezes se assemelha ao da loucura, a possibilidade de habitar as brechas, de ser brecha, de abrir brecha e sobretudo instaurar o desejo-brecha nas existências que existem apesar de tudo.

20 BUTLER, Judith, “Levante”. In: LEVANTES. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017, p. 23.

21 COMITÊ INVISÍVEL. Aos meus amigos: Crise e insurreição. São Paulo: n-1 edições, 2018, p.57.

22 Menção a AZEVEDO, 2017/18, p. 24.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Kristen. **Chinese artist gets emergency brain surgery in Munich**. Disponível em: <<https://www.thelocal.de/20090916/21969>>. Acesso em: 16 set. 2009.

AZEVEDO, José Fernando. Eu, um crioulo. In: **Caixa de Pandemia**. São Paulo: n-1 Edições 2017/2018. p. 3-30.

BRANIGAN, Tania. **Ai Weiwei ordered to switch off studio webcams**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global/2012/apr/05/ai-weiwei-switches-off-studio-webcams>>. Acesso em: 05 abr. 2012.

_____, **Ai Weiwei under house arrest**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2010/nov/05/ai-weiwei-under-house-arrest>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

BUTLER, Judith. “Levante”. In: **Levantes**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017. p. 23-36.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos meus amigos: Crise e insurreição**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DIDI-HUBERMAN, George (Org). **Levantes**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

GROYS, Boris. **Arte, poder**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.

FISCHER-LICHTE, Erika. “Fundamentos para una estética de lo performativo” In: **Estética de lo performativo** (Madrid: Abada Editores, 2013), p.23-46.

HOBY, Hermione. **Tania Bruguera: the more the secret police torture me, the better my art gets**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2015/oct/13/frieze-tania-bruguera-artist-cuba-torture-interview>>. Acesso em: 13 out. 2015.

LEPECKI, André. “Coreopolítica e coreopolícia”. In: **ilha**, v.13, n.1, Santa Catarina, UDESC, 2012. p. 41-60.

MOSQUERA, Gerardo. **Cuba in Tania Bruguera’s work: the body is the social body**. Tania Bruguera: on the political imaginary, Ed. Charta, Milán, Italia, 2009. Em espanhol: “Cuba en la obra de Tania Bruguera: El cuerpo es el cuerpo social”. Disponível em: <http://www.taniabruguera.com/cms/210-1-Cuba+en+la+obra+de+Tania+Bruguera+El+cuerpo+es+el+cuerpo+social.htm>

PELBALT, Peter Pál. Por uma arte de instaurar modos de existência que não existem. In: **Laboratório de sensibilidades**, 2014, p. 250-265. Disponível em: <https://laboratoriode-sensibilidades.wordpress.com/2017/05/02/por-uma-arte-de-instaurar-modos-de-existencia-que-nao-existem-peter-pal-pelbart/>

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Fronteira, 2008.

_____ O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet. **Revista Eco Pós**. Arte, Tecnologia e Mediação. v.18, n.1, 2015.

SCHULLER. **Tania Bruguera, a artista que desnudou a ditadura cubana**. 2015. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/01/tania-bruguera-artista-que-bdesnudou-ditadura-cubanab.html>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

WEIWEI, Ai. **Ai Weiwei: The artwork that made me the most dangerous person in China**. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2018/feb/15/ai-weiwei-remembering-sichuan-earthquake>>. Acesso em: 13 dez. 2018.